

O PÊNDULO E A FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO EM *EMÍLIO*

THE PENDULUM AND THE FORMATION OF THE INDIVIDUAL IN *ÉMILE*

Sarah da Silva Araújo¹

Resumo: O artigo explora a filosofia educacional de Jean-Jacques Rousseau, com foco na metáfora do pêndulo em sua obra *Emílio ou Da Educação*. Rousseau propõe um equilíbrio dinâmico entre liberdade e orientação na formação do indivíduo. Ele defende que a educação deve respeitar o desenvolvimento natural da criança, permitindo que ela aprenda através da experiência direta, enquanto o educador atua como um guia cuidadoso. Essa abordagem visa preservar a autenticidade e a autonomia do aluno, preparando-o para a vida em sociedade sem sufocar sua essência individual. Rousseau critica a educação tradicional por enfatizar aparências e status social, em vez de virtudes genuínas. Ele argumenta que a verdadeira liberdade é alcançada quando o indivíduo é capaz de agir de acordo com sua própria razão e princípios, em vez de se submeter cegamente às normas sociais. O artigo destaca a relevância contínua das ideias de Rousseau, especialmente em um mundo moderno marcado por rápidas mudanças sociais e tecnológicas. A metáfora do pêndulo serve como um lembrete da importância de buscar um equilíbrio entre influências opostas na educação, política e ética, promovendo uma existência mais autêntica e significativa. Rousseau nos convida a refletir sobre as complexidades da condição humana e a buscar soluções equilibradas.

Palavras-chave: Rousseau. *Emílio ou da educação*. Equilíbrio. Pêndulo. Educação.

Abstract: The article explores the educational philosophy of Jean-Jacques Rousseau, focusing on the pendulum metaphor in his work *Emile or on Education*. Rousseau proposes a dynamic balance between freedom and guidance in the formation of the individual. He advocates that education should respect the natural development of the child, allowing them to learn through direct experience while the educator acts as a careful guide. This approach aims to preserve the student's authenticity and autonomy, preparing them for life in society without stifling their individual essence. Rousseau criticizes traditional education for emphasizing appearances and social status over genuine virtues. He argues that true freedom is achieved when the individual can act according to their own reason and principles, rather than blindly submitting to social norms. The article highlights the ongoing relevance of Rousseau's ideas, especially in a modern world marked by rapid social and technological changes. The pendulum metaphor serves as a reminder of the importance of seeking a balance between opposing influences in education, politics, and ethics, promoting a more authentic and meaningful existence. Rousseau invites us to reflect on the complexities of the human condition and to seek balanced solutions.

Keywords: Rousseau. *Emile or on Education*. Balance. Pendulum. Education.

Introdução

Jean-Jacques Rousseau, em sua obra seminal *Emílio ou Da Educação*, apresenta uma abordagem inovadora para o desenvolvimento do indivíduo, a qual pode ser colocada sob a perspectiva do pêndulo e interpretada em sua dinâmica polissêmica. Esta metáfora pode, por

¹ Doutoranda em Educação PPGE - UFG/FE (bolsista FAPEG). Mestra em Educação, Linguagem e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) - 2019 (bolsista CNPQ). Graduação em Letras pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) - 2016 (bolsista Pro-Licen) Graduação em Direito pelo Centro Universitário Unievangélica 2018. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5805-8219>; E-mail: sarah.pacto.go@gmail.com

exemplo, ilustrar o constante balanço entre diferentes forças formativas que moldam o crescimento e a educação do indivíduo desde a infância até a idade adulta. Ao longo do livro, Rousseau traça a jornada de Emílio, seu aluno, através das várias fases da vida, demonstrando como este equilíbrio dinâmico entre diferentes princípios educacionais contribui para a formação de um ser humano completo e virtuoso.

Na primeira fase da vida de Emílio, Rousseau enfatiza a importância de permitir que a criança explore e aprenda por si mesma, enquanto o educador cria um ambiente controlado que facilite essa exploração segura. Este é o primeiro movimento pendular que observamos: a oscilação entre a liberdade natural da criança e a necessária intervenção do educador. Rousseau defende uma "educação negativa" nesta fase, onde o educador interfere minimamente: "A educação primeira deve, portanto, ser puramente negativa. Ela consiste, não em ensinar a virtude ou a verdade, mas em preservar o coração do vício e o espírito do erro" (Rousseau, 1973, p. 80). Esta abordagem visa preservar a bondade natural da criança, protegendo-a das influências corruptoras da sociedade, o papel do educador nesta fase inicial é mais de proteção do que de instrução ativa. No entanto, esta liberdade não é absoluta. O educador deve criar um ambiente controlado que permita esta exploração segura: "Preparai de longe o reinado de sua liberdade e o uso de suas forças, deixando a seu corpo o hábito natural, pondo-a em condições de sempre ser senhora de si mesma e de fazer em todas as coisas a sua vontade, assim que a tiver" (Rousseau, 1973, p. 43).

À medida que Emílio cresce e entra na fase da infância média, o pêndulo se move entre a educação dos sentidos e o desenvolvimento inicial da razão. Rousseau enfatiza a importância da experiência sensorial direta como base para o conhecimento, mas gradualmente introduz conceitos mais abstratos e racionais: "Os sentidos são os primeiros instrumentos de nosso conhecimento. Portanto, os primeiros mestres de filosofia são nossos pés, nossas mãos, nossos olhos" (Rousseau, 1973, p. 121). Nesta fase, Rousseau propõe que a educação deve focar-se primeiramente no desenvolvimento dos sentidos e na compreensão do mundo físico. Ele argumenta que as crianças devem aprender através da experiência direta, explorando seu ambiente e interagindo com objetos reais, em vez de receber informações abstratas. Rousseau incentiva o educador a estimular a curiosidade natural da criança, mas também a permitir que ela desenvolva suas próprias soluções para os problemas que encontra. Este é um exemplo claro do movimento pendular entre a experiência sensorial e o desenvolvimento do raciocínio. Pois, à medida que a criança cresce, Rousseau sugere uma introdução gradual de conceitos mais

abstratos: "Na medida em que o ser sensível se faz ativo, adquire um discernimento proporcional a suas forças; e é somente com a força superior à de que tem necessidade para se conservar, que se desenvolve nele a faculdade especulativa suscetível de empregar o excesso de força em outras atividades" (Rousseau, 1973, p. 111). Este movimento pendular entre o concreto e o abstrato, entre o sensorial e o racional, é fundamental para o desenvolvimento equilibrado da criança, segundo Rousseau.

Na adolescência, o pêndulo oscila entre o desenvolvimento individual e a introdução à sociedade. Emílio começa a aprender sobre relações humanas e moralidade, mas Rousseau insiste que isto deve ocorrer de forma gradual e cuidadosa, para evitar a corrupção prematura do caráter natural do jovem: "Anima-se o olhar e examina os outros seres, começa-se a mostrar interesse pelos outros, a sentir que não se é feito para viver só: assim é que o coração se abre para as afeições humanas e torna-se capaz de apego" (Rousseau, 1973, p. 242). Nesta fase, Rousseau reconhece a importância das emoções e das relações sociais no desenvolvimento do adolescente. No entanto, ele adverte contra uma exposição prematura às complexidades e vícios da sociedade e sugere que o educador deve ajudar o adolescente a desenvolver uma compreensão realista do mundo, equilibrando suas aspirações e desejos com as limitações da realidade. O pêndulo nesta fase também oscila entre a proteção e a exposição.

Finalmente, na idade adulta, o pêndulo representa o equilíbrio entre a autonomia individual e a responsabilidade social, isto é, entre a liberdade e a autonomia. Emílio deve aprender a ser um cidadão sem perder sua autenticidade pessoal: "O homem verdadeiramente livre só quer o que pode e faz o que lhe agrada. Eis minha máxima fundamental. Trata-se apenas de aplicá-la à infância, e todas as regras da educação decorrerão dela" (Rousseau, 1973, p. 67). Nesta fase final, Rousseau enfatiza a importância de Emílio desenvolver uma vontade autônoma, capaz de fazer escolhas morais por si mesmo, mas sempre consciente de suas responsabilidades para com a sociedade.

Ao longo de todo o processo educacional, o papel do educador é crucial para manter o equilíbrio do pêndulo. Rousseau enfatiza que o educador deve ser um guia sábio e paciente, capaz de adaptar seus métodos às necessidades em constante mudança do aluno: "Mestres diligentes e dedicados, sede simples, discretos: não vos apresseis jamais em agir a não ser para impedir que outros ajam. Repetirei-o sempre: abandonai, se necessário, uma boa instrução, de medo de dar uma prejudicial" (Rousseau, 1973, p. 83). Isso reflete o movimento pendular entre a intervenção ativa e a não-intervenção do educador. O educador deve estar sempre atento,

pronto para intervir quando necessário, mas igualmente preparado para recuar e permitir que o aluno aprenda por si mesmo.

O conceito do pêndulo na educação de Emílio não é apenas uma metáfora conveniente, mas um princípio fundamental da filosofia educacional de Rousseau. Ele argumenta que o desenvolvimento equilibrado é essencial para a formação de um indivíduo completo e virtuoso. Este equilíbrio, representado pelo movimento pendular, permite que cada fase do desenvolvimento seja plenamente vivida e aproveitada, sem apressar o processo natural de crescimento e maturação. O movimento pendular na educação de Emílio também ilustra a visão de Rousseau da educação como um processo contínuo e adaptativo. Ele argumenta que a educação deve se ajustar constantemente às necessidades em mudança do aluno: "Cada idade, cada condição na vida tem sua perfeição conveniente, sua espécie de maturidade própria" (Rousseau, 1973, p. 164). Esta abordagem flexível e responsiva à educação é um dos aspectos mais inovadores da filosofia de Rousseau. Ele rejeita a ideia de um currículo fixo ou de métodos padronizados, argumentando em vez disso por uma educação que se adapta constantemente ao desenvolvimento individual do aluno.

Ademais, um dos temas centrais em *Emílio* é o equilíbrio entre a natureza e a cultura, que também pode ser visto como um movimento pendular. Rousseau argumenta que a educação deve respeitar e nutrir a bondade natural da criança, enquanto a prepara gradualmente para a vida em sociedade. No entanto, como já foi dito e repetido, ele não defende um retorno completo à natureza, mas sim um equilíbrio cuidadoso entre as tendências naturais do indivíduo e as demandas da vida social: "Forçado a combater a natureza ou as instituições, cumpre optar entre fazer um homem ou um cidadão, porquanto não se pode fazer um e outro ao mesmo tempo" (Rousseau, 1973, p. 12). Este equilíbrio delicado entre natureza e cultura é um dos aspectos mais desafiadores e controversos da filosofia educacional de Rousseau.

O desenvolvimento moral de Emílio também segue um padrão pendular. Rousseau argumenta que a moralidade não deve ser imposta externamente, mas deve surgir naturalmente da experiência e da reflexão do indivíduo: "Não deis a vosso aluno nenhuma espécie de lição verbal; ele só deve receber lições da experiência" (Rousseau, 1973, p. 78). No entanto, ele também reconhece a necessidade de orientação moral, especialmente à medida que o aluno se aproxima da idade adulta. Portanto, neste movimento pendular entre a descoberta moral autônoma e a orientação ética é fundamental para o desenvolvimento de um indivíduo

moralmente íntegro, como foi introduzida pelo episódio das favas, o episódio da feira e o episódio dos doces.

A abordagem de Rousseau à educação religiosa também segue um padrão pendular. Ele argumenta contra a imposição precoce de doutrinas religiosas, mas reconhece a importância da espiritualidade no desenvolvimento humano. Por isso, para ele, esse pêndulo entre a proteção da inocência e a introdução gradual de conceitos religiosos reflete sua crença de que a espiritualidade deve surgir naturalmente, em vez de ser imposta externamente. É o que diz a *Profissão de fé*, contido no *Emílio*, quando o padre afirma:

Sinto minha alma, conheço-a pelo sentimento e pelo pensamento, sei que é, sem saber qual seja sua essência; não posso raciocinar sobre ideias que não tenho. O que eu sei bem é que a identidade do eu só se prolonga pela memória e que, para ser o mesmo, efetivamente, é preciso que me lembre de ter sido. Ora, eu não poderia lembrar-me, depois da morte, do que fui durante a vida, sem que me lembre também do que senti, por conseguinte do que fiz; e não duvido que essa recordação faça um dia a felicidade dos bons e o tormento dos maus. Neste mundo, mil paixões ardentes absorvem o sentimento interior e substituem-se aos remorsos. As humilhações, as desgraças que o exercício das virtudes acarreta, impedem de sentir-lhes os encantos. Mas quando, libertados das ilusões que nos dão o corpo e os sentidos, gozarmos da contemplação do Ser supremo e das verdades eternas de que é a fonte, quando a beleza da ordem impressionar todas as forças de nossa alma, e quando estivermos ocupados unicamente com comparar o que fizemos com o que deveríamos ter feito, então a voz da consciência recuperará sua força e seu império, então a volúpia pura, que nasce da satisfação consigo mesmo, e a lamentação amarga de nos termos envilecido, distinguirão por sentimentos inesgotáveis a sorte que cada um de nós terá preparado. Não pergunteis, meu bom amigo, se haverá outras fontes de felicidade e de penas; basta as que imagino para me consolar desta vida e fazer-me esperar outra. Não digo que os bons serão recompensados, pois que outro bem pode esperar um ser excelente senão o de existir segundo sua natureza? Mas digo que serão felizes, porque seu autor, o autor de toda justiça, tendo-os feito sensíveis, não os fez para sofrerem; e que não tendo abusado de sua liberdade na terra, não enganaram seu destino por sua culpa: sofreram entretanto nesta vida e serão indenizados numa outra. Este sentimento é menos baseado no mérito do homem que na noção de bondade que se me afigura inseparável da essência divina. Não faço senão supor observadas as leis da ordem, e Deus fiel a si mesmo (Rousseau, 1973, p. 322).

No que tange ao desenvolvimento emocional de Emílio, Rousseau pontua que deve haver um equilíbrio entre a proteção das emoções naturais da criança e o desenvolvimento gradual de uma compreensão mais madura das emoções: "A infância tem maneiras de ver, de pensar e de sentir que lhe são próprias; nada é menos sensato do que querer substituir-lhes as nossas" (Rousseau, 1973, p. 75). Ao mesmo tempo, ele reconhece a necessidade de guiar o desenvolvimento emocional da criança: "As primeiras sensações das crianças são puramente

afetivas; elas só percebem o prazer e a dor. Não podendo nem andar nem pegar, elas precisam de muito tempo para formar aos poucos as sensações representativas que lhes mostram os objetos fora delas mesmas" (Rousseau, 1973, p. 42), deixando claro o pêndulo entre a proteção da sensibilidade natural da criança e o desenvolvimento de uma compreensão mais complexa das emoções é crucial para o desenvolvimento de um indivíduo emocionalmente equilibrado, segundo Rousseau.

Já na educação estética o pêndulo fica claro quando o filósofo afirma que a apreciação da beleza deve surgir naturalmente da experiência direta com o mundo, mas também reconhece a importância de cultivar o gosto estético clássico: "Pela habilidade e os talentos o gosto se forma; pelo gosto o espírito se abre insensivelmente às ideias do belo em todos os gêneros e, finalmente, as noções morais com que se relacionam." (Rousseau, 1973, p. 437), o que reflete na importância de um desenvolvimento estético equilibrado. Diz Jean-Jacques, o preceptor: "Meu principal objetivo, ensinando-lhe a sentir e amar o belo em todos os gêneros é de nele fixar suas afeições e seus gostos, e impedir que suas tendências naturais se alterem e que ele busque um dia, em sua riqueza, os meios de ser feliz, que deve encontrar perto dele" (Rousseau, 1973 p. 400).

Na educação moral de Emílio, Rousseau aplica novamente o conceito do pêndulo. Ele argumenta por um equilíbrio entre o desenvolvimento natural da consciência moral da criança e a introdução gradual de princípios éticos mais complexos: "A única lição de moral que convém à infância, e a mais importante em todas as idades, é a de nunca fazer mal a ninguém." (Rousseau, 1973, p. 94). Ao mesmo tempo, ele reconhece a necessidade de guiar o desenvolvimento moral da criança. Pois, como diz o preceptor: "Considero impossível que se possa trazer ao seio da sociedade uma criança de doze anos sem lhe dar alguma ideia das relações entre homem e homem e da moralidade das ações humanas" (Rousseau, 1973, p. 84). Afirmação colocada antes da lição das favas, pela qual o tutor permite que a criança passe por uma experiência dolorosa até compreender não apenas o conceito de propriedade, mas alguns conceitos sociais, como a injustiça. Ao tratar de temas complexos, toda experiência vivenciada por Emílio, prepara-o para a vida social e até política.

Na questão da educação política busca-se um equilíbrio entre o desenvolvimento de um forte senso de autonomia individual e a compreensão das responsabilidades cívicas: "O homem verdadeiramente livre só quer o que pode e faz o que lhe agrada. Eis minha máxima fundamental. Trata-se apenas de aplicá-la à infância, e todas as regras da educação decorrerão

dela" (Rousseau, 1973, p. 67). Ao mesmo tempo, ele reconhece a importância de preparar Emílio para participar na vida política: "É preciso estudar a sociedade pelos homens, e os homens pela sociedade: os que quiserem tratar separadamente a política e a moral nada entenderão de nenhuma das duas" (Rousseau, 1973, p. 261). Este movimento pendular entre o desenvolvimento da autonomia individual e a preparação para a participação política é crucial para a formação de um cidadão responsável e virtuoso, segundo Rousseau. Não é à toa que no seu trajeto formativo, Emílio tem diante de si um resumo do *Contrato Social*, empreende viagens para analisar os povos e os governos e, por fim, tem a oportunidade de estabelecer a primeira instituição social: a família.

Assim, com os vários exemplos citados no decorrer do texto, fica claro que o conceito do pêndulo na educação de Emílio é uma metáfora poderosa que ilustra a abordagem equilibrada e dinâmica de Rousseau à educação. Ele argumenta que o desenvolvimento humano é um processo contínuo de oscilação entre diferentes forças formativas, e que o papel do educador é guiar esse movimento de maneira cuidadosa e responsiva. Esta abordagem pendular se aplica a todos os aspectos da educação - física, intelectual, moral, social, emocional, estética e política. Em cada caso, Rousseau busca um equilíbrio delicado entre o respeito pelo desenvolvimento natural da criança e a necessidade de orientação e preparação para a vida adulta.

Rousseau vê o desenvolvimento humano como um processo integrado, onde cada aspecto influencia e é influenciado por todos os outros. Esta visão contrasta fortemente com abordagens mais compartimentalizadas à educação, que tratam diferentes aspectos do desenvolvimento de forma isolada. Além disso, a metáfora do pêndulo enfatiza a natureza dinâmica e adaptativa da educação. Ele argumenta que a educação deve ser constantemente ajustada às necessidades em mudança do aluno, respondendo ao seu desenvolvimento individual e às circunstâncias particulares de sua vida.

Assim, o que se vê é que o conceito do pêndulo na educação de Emílio reflete a crença fundamental de Rousseau na importância do equilíbrio. Ele argumenta que o desenvolvimento humano saudável e a formação de um indivíduo completo e virtuoso dependem de um equilíbrio cuidadoso entre diferentes forças e influências. Em última análise, a visão de Rousseau sobre a educação, como ilustrada pela metáfora do pêndulo, é uma chamada para uma abordagem mais natural, responsiva e holística à educação. Ele desafia educadores a respeitar o desenvolvimento natural da criança, enquanto ainda fornece a orientação necessária para preparar o indivíduo

para uma vida plena e significativa na sociedade. Esta visão continua a ser relevante e desafiadora hoje, enquanto educadores e sociedades lutam para equilibrar as demandas da educação formal com as necessidades de desenvolvimento individual, e para preparar as crianças para um mundo em rápida mudança sem sacrificar sua autenticidade e bem-estar.

Nesse sentido, é importante observar que o conceito do pêndulo em Rousseau também serve como uma ferramenta para criticar os extremos sociais e filosóficos tanto de sua época quanto da nossa. Rousseau via a sociedade de seu tempo como desequilibrada, oscilando excessivamente para um lado ou outro em várias questões fundamentais. Por exemplo, ele criticava tanto o absolutismo monárquico quanto certas formas de democracia radical. O pêndulo rousseauiano sugere a necessidade de um equilíbrio político que preserve a soberania popular sem cair na anarquia. Da mesma forma, Rousseau criticava tanto o luxo excessivo da aristocracia quanto a miséria extrema dos pobres. Seu pêndulo aponta para uma sociedade mais equilibrada, onde as desigualdades extremas são mitigadas. No campo da educação, Rousseau se opunha tanto à negligência total da criança quanto ao excesso de instrução formal prematura. O pêndulo educacional de Rousseau busca um meio-termo onde a criança possa se desenvolver naturalmente, mas com orientação apropriada.

O pêndulo e a busca pela autenticidade

Um aspecto central da filosofia de Jean-Jacques Rousseau, particularmente relevante para a discussão sobre o pêndulo, é a busca pela autenticidade. Rousseau, em sua análise crítica da sociedade moderna, argumentava que a civilização e o progresso, longe de melhorarem a condição humana, na verdade corromperam a natureza essencialmente boa do homem. Ele acreditava que a sociedade moderna havia afastado o homem de sua natureza autêntica, criando uma profunda dicotomia entre o ser e o parecer.

Rousseau idealizava um "estado de natureza" original, onde o homem vivia em harmonia com seu ambiente e com sua própria essência. Este "homem natural" era, segundo ele, autossuficiente, compassivo e autêntico. No entanto, com o desenvolvimento da sociedade, surgiu uma separação entre a essência verdadeira de uma pessoa (o ser) e a imagem que ela projeta para os outros (o parecer). Esta dicotomia é fundamental para entender sua crítica à sociedade.

Na sociedade moderna, Rousseau observava que as pessoas estavam mais preocupadas com as aparências e com a opinião dos outros do que com sua própria autenticidade. Isso levava

à criação de "máscaras sociais", onde as pessoas agiam de acordo com as expectativas sociais em vez de seus verdadeiros sentimentos e natureza. Rousseau argumentava que a sociedade moderna havia distanciado o ser humano de sua verdadeira natureza, resultando em uma profunda alienação do eu autêntico. Em sua visão, o desenvolvimento da civilização levou à perda da unidade original do indivíduo, substituindo suas paixões genuínas por desejos artificiais criados pela sociedade.

Segundo Rousseau, o homem em seu estado natural possuía uma bondade inata e uma conexão harmoniosa com seu verdadeiro ser. No entanto, as pressões e expectativas sociais gradualmente obscureceram essa essência, levando as pessoas a adotarem máscaras sociais e a se preocuparem excessivamente com as aparências e opiniões alheias. Nesse processo de socialização, Rousseau observava que qualidades negativas como vaidade, orgulho, desprezo e um amor-próprio distorcido tomaram o lugar das paixões autênticas. As pessoas passaram a se relacionar de forma superficial, olhando umas para as outras com indiferença ou usando-as meramente como espelhos para alimentar seu próprio ego.

Esta dinâmica social resultou em uma profunda falta de autoconhecimento. As pessoas falam sobre os outros principalmente como uma forma indireta de falar sobre si mesmas, mas sem realmente se reconhecerem ou compreenderem sua verdadeira natureza. Há uma constante projeção e comparação, mas pouca introspecção genuína. Para o filósofo, este afastamento de nossa natureza autêntica não apenas nos alienava de nós mesmos, mas também dos outros e do mundo natural. A busca pela aprovação social e o medo do julgamento alheio criaram barreiras para conexões genuínas e empatia verdadeira. Em essência, Rousseau via a sociedade moderna como uma força que, embora tenha trazido certos avanços, também nos afastou de nossa humanidade fundamental. Sua filosofia buscava um retorno a uma forma de vida mais autêntica, onde as pessoas pudessem reconectar-se com sua verdadeira natureza, cultivar paixões genuínas e estabelecer relações mais sinceras e compassivas uns com os outros e com o mundo ao seu redor.

Esta preocupação constante com as aparências e a opinião pública, segundo Rousseau, levava à alienação do indivíduo de seu verdadeiro eu. As pessoas perdiam contato com seus desejos e necessidades autênticos, vivendo vidas que não eram verdadeiramente suas. Para o filósofo, esta separação entre ser e parecer tinha consequências negativas tanto para o indivíduo quanto para a sociedade. Ela gerava infelicidade, ansiedade e um sentimento generalizado de insatisfação. A observação de Rousseau sobre a separação entre ser e parecer e suas

consequências negativas encontra um paralelo notável e até amplificado na era digital e das mídias sociais atuais. Podemos traçar várias conexões entre a crítica de Rousseau e a realidade contemporânea.

Na era das redes sociais, a dicotomia entre ser e parecer atingiu níveis sem precedentes. Plataformas como *Instagram*, *Facebook* e *TikTok* criaram um ambiente onde a curadoria da imagem pessoal se tornou uma prática cotidiana. As pessoas frequentemente apresentam versões idealizadas de suas vidas, cuidadosamente editadas e filtradas, criando uma disparidade ainda maior entre a realidade vivida e a imagem projetada. Esta cultura de "vida perfeita" nas redes sociais tem gerado consequências psicológicas significativas, alinhadas com as preocupações de Rousseau. Basta olhar ao nosso redor, ou assistir a algum noticiário para observar um aumento nos níveis de ansiedade, depressão e insatisfação com a própria vida, especialmente entre os jovens. A constante exposição a imagens aparentemente perfeitas de outros cria uma pressão contínua para se conformar a padrões irrealistas de sucesso, beleza e felicidade.

A infelicidade e a ansiedade que Rousseau atribuía à separação entre ser e parecer são evidentes na síndrome contemporânea conhecida como "FOMO" (Fear of Missing Out - Medo de Ficar de Fora)². As pessoas sentem uma pressão constante para participar, compartilhar e se apresentar de maneiras que nem sempre refletem seus verdadeiros sentimentos ou circunstâncias, levando a um sentimento crônico de inadequação. Além disso, a cultura das celebridades e influenciadores digitais intensificou o que Rousseau chamaria de preocupação com as aparências. Milhões de pessoas seguem e emulam estilos de vida que são, em grande parte, construções cuidadosamente elaboradas, afastando-se ainda mais de suas próprias autenticidades. A monetização da atenção online também criou um incentivo econômico para a manutenção dessa separação entre ser e parecer. Influenciadores e criadores de conteúdo muitas vezes se sentem pressionados a manter uma imagem que não necessariamente reflete sua realidade, mas que atrai seguidores e patrocínios.

O sentimento generalizado de insatisfação que Rousseau mencionava encontra eco no fenômeno moderno de comparação social constante facilitada pelas mídias sociais. As pessoas estão continuamente expostas às conquistas e momentos de destaque dos outros, o que pode levar a uma sensação persistente de que a própria vida é inadequada ou menos emocionante. A

² O autor Patrick J. McGinnis cunhou o termo FOMO e o popularizou em um artigo de opinião de 2004 no *The Harbus*, a revista da Harvard Business School.

preocupação de Rousseau com a autenticidade também ressoa na crescente discussão sobre a "autenticidade digital". Muitos estão começando a questionar o valor de manter uma presença online altamente curada e buscando formas mais autênticas de expressão digital, refletindo uma espécie de retorno rousseauiano à autenticidade no contexto moderno.

Por fim, assim como Rousseau via a educação de sua época como perpetuadora dessa dicotomia, hoje podemos observar como as mídias sociais e a cultura digital estão moldando as novas gerações, potencialmente aprofundando a separação entre ser e parecer desde uma idade muito precoce. Em suma, as preocupações de Rousseau sobre as consequências negativas da separação entre ser e parecer não apenas permanecem relevantes, mas foram significativamente amplificadas na era digital. A busca pela autenticidade em meio a um mundo cada vez mais dominado por imagens cuidadosamente construídas tornou-se um desafio ainda maior, ecoando as advertências de Rousseau sobre os perigos de perder contato com nosso verdadeiro eu em favor de uma imagem socialmente aceitável.

Além disso, Rousseau via o sistema educacional de sua época como perpetuador dessa dicotomia (ser e parecer), ensinando as crianças a valorizar mais as aparências e o status social do que a autenticidade e a virtude genuína. Em resposta a essa condição, Rousseau propunha uma educação e um modo de vida que buscassem reconciliar o indivíduo com sua natureza autêntica. Isso envolvia um retorno à simplicidade, à autossuficiência e à valorização das experiências diretas em vez do conhecimento livresco. Sua crítica teve um impacto profundo no pensamento ocidental, influenciando movimentos em vários campos do saber, como o Romantismo, a Escola Nova, o ecologismo, o estruturalismo, entre outros, e preparando o terreno para críticas posteriores à sociedade moderna, o progresso desmedido e a tirania.

Em essência, Rousseau argumentava que a sociedade moderna criou uma tensão fundamental entre a natureza autêntica do indivíduo e as demandas e expectativas sociais. Esta tensão, manifestada na dicotomia entre ser e parecer, era vista por ele como uma fonte de alienação e infelicidade, contra a qual ele propunha um retorno à autenticidade através de uma educação e um modo de vida mais naturais e centrados no indivíduo. Assim, o pêndulo rousseauiano pode ser visto como um instrumento para recuperar esta autenticidade perdida. Ele representa o movimento constante entre o eu interior, natural e autêntico, e as demandas externas da sociedade. A autenticidade, na visão de Rousseau, não consiste em rejeitar completamente a sociedade e retornar a um estado "selvagem", mas em encontrar um equilíbrio onde o indivíduo possa manter sua integridade pessoal enquanto participa da vida social.

Este conceito de autenticidade tem implicações profundas para a educação, a política e a ética. Na educação, Rousseau argumentava que o objetivo principal não deveria ser moldar a criança de acordo com padrões sociais predeterminados, mas permitir que ela desenvolva sua natureza única de forma autêntica. O que enfatiza a importância de permitir que a criança desenvolva sua própria perspectiva e julgamento, em vez de simplesmente absorver as opiniões e valores da sociedade sem questionamento. Rousseau também destacou a importância de uma educação que respeite o desenvolvimento natural da criança, com uma visão que tem implicações significativas para as práticas educacionais, sugerindo uma abordagem mais centrada na criança e respeitosa de seu desenvolvimento natural.

Já no campo da política, o conceito de autenticidade de Rousseau influenciou sua visão de sociedade e governo. Ele argumentava que as instituições políticas deveriam refletir a vontade geral autêntica do povo, não os interesses de elites ou facções. Em *Do Contrato Social*, ele escreve: “Encontrar uma forma de associação que defenda e proteja a pessoa e os bens de cada associado com toda a força comum, e pela qual cada um, unindo-se a todos, só obedece, contudo, a si mesmo, permanecendo assim tão livre quanto antes” (Rousseau, 1999b, p. 75). Esta ideia de autenticidade na política implica em uma forma de democracia participativa onde os cidadãos estão ativamente envolvidos na formação da vontade geral.

Em termos de ética, a ênfase de Rousseau na autenticidade leva a uma moralidade baseada na consciência individual e na empatia natural, em vez de em regras impostas externamente. Ele argumenta: "Consciência! Consciência! Instinto divino, imortal e celeste voz; guia seguro de um ser ignorante e limitado, mas inteligente e livre; juiz infalível do bem e do mal, que tornas o homem semelhante a Deus" (Rousseau, 1973, 331). Esta visão ética enfatiza a importância da autorreflexão e da confiança em nossos sentimentos morais inatos, em vez de simplesmente seguir convenções sociais ou regras impostas.

As ideias de Rousseau sobre autenticidade continuam a influenciar o pensamento contemporâneo em várias áreas. Na educação, por exemplo, vemos ecos de suas ideias em abordagens centradas na criança e na aprendizagem experiencial. Na política, sua ênfase na participação direta dos cidadãos ressoa em debates sobre democracia participativa e deliberativa. E na ética, sua valorização da autenticidade e da consciência individual continua a influenciar correntes filosóficas que enfatizam a autenticidade pessoal e a ética situacional.

Em suma, o conceito de autenticidade de Rousseau oferece uma crítica poderosa às instituições e práticas que sufocam a natureza única dos indivíduos, ao mesmo tempo em que

propõe uma visão alternativa de educação, política e ética que valoriza o desenvolvimento autêntico e a expressão do eu verdadeiro.

O pêndulo como metáfora da condição humana

O conceito do pêndulo como representação da condição humana em Rousseau não é apenas uma simplificação de suas ideias, mas uma lente através da qual podemos examinar e sintetizar seu pensamento complexo e muitas vezes paradoxal. Podemos ver o pêndulo de Rousseau como uma metáfora abrangente para a condição humana. O ser humano, na visão de Rousseau, está constantemente oscilando entre diferentes polos: entre sua natureza individual e suas obrigações sociais, entre seus desejos pessoais e suas responsabilidades éticas, entre sua razão e suas paixões. Esta condição pendular não é vista por Rousseau como uma falha ou uma limitação, mas como a essência mesma da humanidade. É precisamente esta capacidade de oscilar, de adaptar-se, de buscar equilíbrio em meio a forças contraditórias que define a experiência humana.

Entretanto, a visão de Rousseau sobre a natureza humana e a condição do homem na sociedade é complexa. Ele reconhece uma dualidade fundamental na experiência humana, que oscila entre forças contraditórias. Esta condição pendular não é vista por Rousseau como uma falha, mas como algo inerente à humanidade. Nele o indivíduo oscila entre querer e não querer, entre liberdade e escravidão, entre razão e paixão. Importante notar que Rousseau não via esta dualidade como uma falha ou limitação, mas como a própria essência do que nos torna humanos. Para ele, o homem é capaz de razão e virtude, mas também sujeito a paixões e impulsos contraditórios. Em *Júlia ou A Nova Heloísa*, Rousseau explora ainda mais esta tensão através de seus personagens. A protagonista, Júlia, oscila constantemente entre sua paixão por Saint-Preux e seu dever para com seu marido e família. Esta narrativa pode ser vista como uma representação literária do movimento pendular entre desejo e dever, entre paixão e razão. Uma citação que representa bem essa tensão é a seguinte: "Que batalha cruel! Que dilaceramentos! Meu dever, minha razão, me arrastam para um lado; meu coração rebelde se obstina do outro... Que suplício ser ao mesmo tempo apaixonada e virtuosa!" (Rousseau, 2006, p. 347). Esta passagem, proferida por Júlia, captura perfeitamente o conflito interno que ela experimenta, oscilando entre sua paixão por Saint-Preux e seu senso de dever e virtude. Ela ilustra o movimento pendular entre o desejo e a obrigação moral, entre o coração e a razão, que Rousseau explora ao longo da obra.

Rousseau também elabora sobre como esta natureza dual do homem se manifesta na sociedade: “Dessas contradições nascem as que experimentamos sem cessar em nós mesmos. Arrastados pela natureza e pelos homens por caminhos contrários, obrigados a nos desdobrarmos entre tão diversos impulsos, seguimos um, de compromisso, que não nos leva nem a uma nem a outra meta” (Rousseau, 1973, p. 14). Aqui, Rousseau reconhece que a vida em sociedade frequentemente nos coloca em situações onde devemos negociar entre nossas inclinações naturais e as demandas sociais, resultando em um estado de compromisso constante.

No entanto, Rousseau não vê esta condição como puramente negativa. Em vez disso, ele a considera como a essência da experiência humana, oferecendo oportunidades para crescimento e desenvolvimento. Portanto, o ideal de Rousseau não é um retorno completo a um estado "natural" primitivo, mas sim um equilíbrio entre nossa natureza essencial e nossa existência social. A capacidade de navegar neste turbilhão social enquanto mantém a autenticidade e a autonomia é vista como uma forma de realização humana.

Em essência, Rousseau vê a condição humana como uma jornada contínua de adaptação e busca de equilíbrio. Em *Devaneios do Caminhante Solitário*, Rousseau reflete: "Eis-me, portanto, sozinho na terra, tendo apenas a mim mesmo como irmão, próximo, amigo, companhia. O mais sociável e o mais amoroso dos humanos dela foi proscrito por um acordo unânime" (Rousseau, 2017, p. 23). Esta passagem ilustra o movimento pendular entre o desejo de conexão com a natureza e o reconhecimento da inevitabilidade da vida social. A capacidade de oscilar entre diferentes impulsos, de adaptar-se a circunstâncias variadas, e de buscar um equilíbrio em meio a forças contraditórias não é uma limitação, mas sim o que nos torna verdadeiramente humanos. É através desta luta e deste processo de negociação constante que nos desenvolvemos, aprendemos e nos tornamos mais plenamente nós mesmos.

O desafio, tanto para o indivíduo quanto para a sociedade, é aprender a navegar este movimento pendular de forma construtiva. Isto envolve desenvolver a sabedoria para reconhecer quando é apropriado inclinar-se para um lado ou para o outro, e a flexibilidade para ajustar-se às mudanças de circunstâncias. Então, o pêndulo de Rousseau, como metáfora abrangente de seu pensamento filosófico, nos convida a abraçar a complexidade e a contradição inerentes à existência humana. Esta imagem dinâmica nos lembra que a busca por equilíbrio e autenticidade não é um destino final a ser alcançado, mas um processo contínuo e fluido que permeia todos os aspectos da vida.

O pêndulo entre liberdade e autonomia: a busca de Rousseau pelo equilíbrio humano

A concepção de liberdade de Rousseau é multifacetada e evolui ao longo de sua obra. Em *Do Contrato Social*, ele afirma: "A liberdade consiste menos em fazer sua vontade do que em não ser submetido à vontade de outrem" (Rousseau, 1999, p. 408). Esta definição sugere uma visão de liberdade que vai além da mera ausência de restrições externas. Para Rousseau, a verdadeira liberdade implica em uma forma de independência que protege o indivíduo da dominação arbitrária de outros. Esta concepção de liberdade como não-dominação tem sido amplamente discutida por teóricos políticos contemporâneos, como Philip Pettit³, que veem nela uma alternativa valiosa às concepções liberais tradicionais de liberdade negativa e positiva.

No entanto, a visão de Rousseau sobre a liberdade é mais complexa do que essa definição inicial sugere. Em *Emílio*, ele apresenta uma concepção de liberdade mais ligada à autorrealização: "O homem realmente livre só quer o que pode e faz o que lhe apraz" (Rousseau, 1973, p. 67). Esta passagem sugere que a liberdade, para Rousseau, também envolve uma harmonia entre desejo e capacidade, entre vontade e ação. É uma liberdade que requer autoconhecimento e autocontrole. A autonomia, por sua vez, está intrinsecamente ligada a esta concepção de liberdade. Para Rousseau, ser autônomo não significa simplesmente agir sem restrições externas, mas sim agir de acordo com princípios que o próprio indivíduo estabeleceu para si mesmo. Esta ideia é central em *Emílio*, onde Rousseau descreve um processo educacional projetado para cultivar a autonomia do indivíduo.

O movimento pendular entre liberdade e autonomia no pensamento de Rousseau é iluminado pela observação do estudioso Frederick Neuhouser, que afirma que a liberdade, para Rousseau, é tanto um estado de independência quanto de autogoverno (2008). Esta interpretação captura a essência da tensão dinâmica entre estes dois conceitos no trabalho de Rousseau. A liberdade não é simplesmente a ausência de restrições externas, mas também a capacidade de se autogovernar de forma eficaz. Este equilíbrio delicado entre liberdade e autonomia é constantemente desafiado pelas realidades da vida social.

Esta tensão entre as demandas da vida individual e as da vida social é um tema recorrente no pensamento de Rousseau. No *Emílio*, ele elabora sobre os diferentes tipos de dependência que os seres humanos enfrentam: "Há duas espécies de dependência: a das coisas, que é da natureza; a dos homens que é da sociedade. A dependência das coisas, não tendo

³ Teórico político irlandês que está atualmente radicado nos Estados Unidos, onde leciona na Universidade de Princeton.

nenhuma moralidade, não é nociva à liberdade e não engendra vícios; a dos homens, sendo desordenada, os engendra todos" (Rousseau, 1973, p. 68). Esta distinção é crucial para entender como Rousseau concebia o desafio de manter a liberdade e a autonomia em um contexto social. A dependência das coisas - as limitações impostas pela natureza - não é vista como uma ameaça à liberdade, pois é impessoal e inevitável. A dependência dos homens, por outro lado, é potencialmente corruptora, pois pode levar à dominação e à perda da autonomia. A solução de Rousseau para este dilema é complexa e multifacetada. Ele propõe um sistema educacional projetado para cultivar a autonomia do indivíduo desde a infância. O tutor de Emílio não impõe regras arbitrárias, mas sim cria situações em que o jovem aprende através da experiência direta com as consequências naturais de suas ações. Desta forma, Emílio desenvolve uma compreensão internalizada das limitações e possibilidades do mundo, permitindo-lhe exercer sua liberdade de forma autônoma e responsável.

No âmbito político, Rousseau busca uma forma de organização social que preserve a liberdade e a autonomia dos cidadãos. Sua teoria do contrato social não é uma justificativa para o governo autoritário, mas sim uma tentativa de criar uma escala de medida para uma estrutura política em que cada cidadão possa ser "forçado a ser livre", como ele controversamente afirma. A própria ideia de "escala" (Nascimento, 1988) sugere uma dinâmica que pode ir de uma medida a outra, isto é, de um ponto a outro na figura pendular. O que permite compreender que a verdadeira liberdade, para Rousseau, não é a ausência total de restrições, nem a submissão ao poder despótico, mas a submissão voluntária a leis que nós mesmos criamos como membros do corpo político.

A natureza dinâmica deste equilíbrio é enfatizada pelo estudioso Nicholas Dent, que observa que o pensamento de Rousseau sobre liberdade e autonomia não é estático, mas um processo contínuo de negociação entre o indivíduo e seu ambiente social (1996). Esta perspectiva nos lembra que, para Rousseau, a busca pela liberdade e autonomia não é um destino final a ser alcançado, mas um processo contínuo de adaptação e negociação. É um movimento pendular que nunca cessa, sempre buscando o equilíbrio entre as necessidades individuais e as demandas sociais.

A questão do equilíbrio entre autonomia e dependência é outro aspecto crucial do pensamento de Rousseau. Ele reconhece que os seres humanos são inevitavelmente interdependentes, mas busca preservar e cultivar a autonomia individual. Em *Emílio*, por exemplo, o tutor cria situações em que o jovem Emílio pode aprender por experiência própria,

desenvolvendo sua autonomia, enquanto ainda recebe orientação e apoio. Esta abordagem educacional reflete a crença de Rousseau de que a verdadeira liberdade vem do autoconhecimento e da autodisciplina, não da ausência de restrições.

Rousseau também luta com o equilíbrio entre progresso e preservação. Embora critique certos aspectos do progresso, particularmente aqueles que ele vê como corruptores da moral, Rousseau não rejeita completamente a ideia de avanço social. Em seu *Discurso sobre as Ciências e as Artes*, ele oferece uma crítica incisiva do progresso que corrompe a moral, mas em outras obras, como *Considerações sobre o Governo da Polônia*, ele oferece sugestões para reformas progressistas. Essa aparente contradição reflete a complexidade do pensamento de Rousseau e sua recusa em adotar posições simplistas.

Por fim, a busca de Rousseau por um equilíbrio entre liberdade e ordem é central em sua filosofia política. No *Contrato Social*, ele propõe um sistema político que busca maximizar a liberdade individual sem cair na anarquia. Rousseau argumenta que a verdadeira liberdade só pode existir dentro de um quadro de leis justas, uma ideia que continua a influenciar o pensamento político moderno. Esta busca por um equilíbrio entre liberdade e ordem reflete a compreensão de Rousseau de que a sociedade humana é inerentemente complexa e que soluções simples raramente são adequadas para problemas sociais e políticos.

Em última análise, a busca de Rousseau pelo equilíbrio humano não oferece soluções fáceis ou definitivas. Em vez disso, ele convida seus leitores a refletir sobre estas tensões fundamentais e a buscar formas de navegá-las de maneira ética e significativa. Seu legado continua a inspirar pensadores e reformadores que buscam criar sociedades mais justas e humanas, equilibrando as necessidades do indivíduo com as demandas da vida coletiva. A relevância duradoura de Rousseau reside precisamente nesta capacidade de iluminar as complexidades da condição humana e de nos desafiar a buscar constantemente um equilíbrio mais perfeito em nossas vidas pessoais e em nossas sociedades.

O pensamento de Rousseau, com seu movimento pendular constante entre liberdade e autonomia, continua a oferecer *insights* valiosos para muitos debates contemporâneos, como o de Taylor sobre a autenticidade. Sua busca por um equilíbrio entre as demandas aparentemente contraditórias da liberdade individual e da ordem social, sua crítica penetrante às instituições sociais e sua visão de uma forma de vida mais autêntica e natural continuam a inspirar e provocar o pensamento crítico em uma ampla gama de campos. O legado de Rousseau é complexo e por vezes contraditório, refletindo as tensões e paradoxos inerentes à condição

humana que ele tão eloquentemente explorou. Malgrado tal perspectiva, seu pensamento nos convida a considerar as complexidades da liberdade e da autonomia, a natureza da identidade humana e nossa relação com a sociedade e o mundo natural.

Em uma era de rápidas mudanças sociais e tecnológicas, as reflexões de Rousseau sobre estes temas fundamentais continuam a oferecer um ponto de referência valioso para nossa própria busca por significado e autenticidade. Ao navegar pelos desafios do mundo moderno, podemos encontrar na filosofia de Rousseau não respostas definitivas, mas um convite ao pensamento crítico e à autorreflexão. Seu movimento pendular entre diferentes polos de pensamento nos lembra da necessidade de buscar equilíbrio e síntese, de resistir a soluções simplistas e de permanecer abertos à complexidade e à contradição. Neste sentido, o legado duradouro de Rousseau pode ser visto não tanto em doutrinas específicas, mas em uma abordagem ao pensamento que valoriza tanto a razão quanto a emoção, tanto a liberdade individual quanto a responsabilidade social, e que busca constantemente uma forma mais autêntica e significativa de existência humana.

Portanto, o pêndulo oscila entre o desenvolvimento das virtudes pessoais e o cultivo das virtudes cívicas. Emílio deve aprender a equilibrar seus interesses individuais com as necessidades da comunidade, desenvolvendo uma forma de amor-próprio que seja compatível com o bem comum. Este movimento reflete a tensão entre o individualismo e o coletivismo, buscando uma síntese que permita o florescimento pessoal dentro de um contexto de solidariedade social. Assim, Rousseau reconhece a importância tanto do julgamento racional quanto do sentimento patriótico na criação de um vínculo autêntico com a comunidade política. Esta dinâmica se manifesta na educação cívica proposta por Rousseau, que busca cultivar tanto a compreensão intelectual das instituições políticas quanto o amor emocional à pátria.

Considerações finais

O conceito do Pêndulo apresentado oferece uma lente através da qual podemos interpretar e sintetizar o pensamento deste influente filósofo. Ele captura a essência dinâmica e muitas vezes paradoxal de suas ideias sobre educação, política, ética e a condição humana em geral. Ao contrário de um sistema filosófico rígido e estático, o pêndulo sugere um pensamento em constante movimento, sempre buscando equilíbrio, mas nunca se fixando permanentemente em um único ponto. Esta metáfora nos permite compreender melhor a natureza dialética do pensamento de Rousseau. Em sua filosofia, vemos constantemente a interação entre forças

opostas: natureza e cultura, indivíduo e sociedade, razão e emoção, liberdade e responsabilidade. O pêndulo nos lembra que estas oposições não são absolutas, mas sim pontos de referência entre os quais oscilamos continuamente.

Retomando sinteticamente o que já foi desenvolvido, na educação, por exemplo, o pêndulo de Rousseau oscila entre o respeito pelo desenvolvimento natural da criança e a necessidade de prepará-la para a vida em sociedade. Em sua filosofia política, ele busca um equilíbrio entre a liberdade individual e as necessidades da comunidade. Na ética, ele navega entre a bondade natural inata e a moralidade construída através da razão e da experiência social. Além disso, o conceito do pêndulo nos ajuda a entender a visão de Rousseau sobre a autenticidade humana. Para ele, ser autêntico não significa aderir rigidamente a um conjunto fixo de características ou valores, mas sim manter-se em movimento, adaptando-se às circunstâncias enquanto permanece fiel à nossa essência mais profunda. O pêndulo também ilumina a abordagem de Rousseau à mudança e ao progresso. Ele não advoga nem por um retorno completo a um estado natural idealizado, nem por um avanço desenfreado da civilização. Em vez disso, ele propõe um movimento constante entre esses polos, buscando sempre um equilíbrio que respeite tanto nossa natureza essencial quanto as realidades da vida social.

Por fim, à guisa de conclusão, esta metáfora nos convida a ver o pensamento de Rousseau não como um conjunto de proposições fixas, mas como um processo dinâmico de questionamento e exploração. Ela nos encoraja a abordar as questões filosóficas com uma mente aberta e flexível, reconhecendo que as respostas podem mudar à medida que nossas circunstâncias e compreensão evoluem. Finalmente, o pêndulo de Rousseau nos lembra da importância da reflexão contínua e da autoavaliação. Assim como um pêndulo nunca para completamente, Rousseau nos encoraja a nunca cessarmos nosso exame crítico de nós mesmos e da sociedade em que vivemos. Esta abordagem dinâmica à filosofia e à vida nos permite crescer, adaptar-nos e evoluir continuamente, sempre buscando um equilíbrio mais perfeito entre nossas diversas necessidades e aspirações.

Assim temos que, o conceito do pêndulo de Rousseau não apenas sintetiza seu pensamento filosófico, mas também nos oferece uma ferramenta valiosa para navegar as complexidades da existência humana. Ele nos lembra que a vida é um processo contínuo de negociação e ajuste, e que a sabedoria reside não em encontrar respostas definitivas, mas em aprender a mover-se entre os diversos polos de nossa experiência.

Referências

DENT, N. J. H. **Dicionário Rousseau**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

NASCIMENTO, Milton Meira do. O contrato social: entre a escala e o programa. **Discurso**, São Paulo, 1988.

NEUHOUSER, Frederick. **Rousseau's Theodicy of Self-love**: evil, rationality, and the drive for recognition. Oxford: Oxford University Press, 2013.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da Educação**. São Paulo: Difel, 1973.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social**. Trad. de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Nova Cultural, Coleção Os Pensadores, 1999. p. 45-243.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Julia ou a Nova Heloísa**. 1ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Os devaneios do caminhando solitário**. Trad. Laurent de Saes. São Paulo: Edipro, 2017.